

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FLAMARION FERREIRA

Flamarion Ferreira, reitor da Universidade entre 1962 e 1964, teve como principal marca de sua gestão a busca por parcerias nacionais e internacionais para superar as dificuldades financeiras oriundas da grave crise política e econômica que o Brasil atravessava.

Ficha técnica:

Duração: 49 minutos e 22 segundos.

Local: Residência do entrevistado.

Entrevistadora: Stela Costa Val Brandão.

Profissão do entrevistado: Engenheiro agrônomo, professor e reitor.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

Viçosa - MG

2026

Diálogo:

Flamarion: Antes de atendermos às perguntas do roteiro preparado pela Divisão de Assuntos Culturais (DAC), desejamos externar nossa satisfação e alegria por mais esta oportunidade de entrarmos em contato com a UFV, representada por toda a comunidade universitária que a compõe. Assim, levamos os nossos cumprimentos aos dirigentes, professores, pesquisadores, extensionistas, funcionários e servidores de todos os níveis e estudantes que dão vida a esta instituição. Doravante, ficaremos prazerosamente adstritos às perguntas do roteiro formulado.

Stela: Falar sobre a sua vinda para a universidade como reitor. Como se deu este fato?

Flamarion: Recuemos ao final do primeiro semestre de 1962. A situação política do país, com reflexos nos estados e, conseqüentemente, na iniciativa privada e órgãos públicos, já deixava antever sérias dificuldades futuras. A renúncia presidencial ocorrida em 1961, assim como o agravamento das contradições políticas, formavam um ambiente onde a instabilidade econômica e social alcançaria uma situação altamente preocupante. A nação caminhava para o desencontro. Governos de um lado, desentendimento entre as classes patronais e as classes trabalhadoras, novos governadores eleitos em distonia com o governo federal, interesses internacionais não satisfeitos e nem atendendo aos reclamos nacionais. Tudo caracterizando uma caminhada no rumo da agitação e instabilidade interna. Os reflexos negativos daquele quadro não deixavam de atingir Minas Gerais e, de certo modo, as suas instituições. A Uremg, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais de então, também sofreu as suas conseqüências, isto é, as suas necessidades iam se tornando maiores do que as realidades de atendimento. O fato é que o primeiro semestre de 1962 terminou dentro de um quadro de greve de professores – movimento este que exigia, por dentro, pontualidade no pagamento de seus salários (havia um atraso de quatro meses), melhores níveis, recursos financeiros para melhor equipar as áreas de ensino, pesquisa e extensão rural –, greve de estudantes e ameaça de greve iminente por parte dos funcionários.

O crédito da Universidade estava abalado e os compromissos financeiros não deixavam de gerar enorme preocupação. Os dirigentes da instituição tudo faziam para reverter tal quadro, mas não dispunham de meios para tanto. Naquela época, o secretário da Agricultura, doutor Roberto Rezende, médico, havia tomado posse no cargo. O presidente da SMEA, engenheiro agrônomo Flamarion Ferreira, em discurso formal naquela solenidade, reclamava para a

categoria profissional de engenheiros agrônomos, dentro de princípios de respeito, mas de lealdade e franqueza, o cargo de secretário da Agricultura. Na mesma ocasião, a Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos (SMEA) oferecia sua colaboração ao novo titular da pasta que assumia. Passados alguns dias, o referido secretário convidou o presidente da SMEA, portanto, a mim, e alguns dos diretores da sociedade para examinarem as propostas para as soluções graves dos problemas da Uremg. Pedi, Sua Excelência, nossa mediação para terminar com a greve de professores, sabendo-se que a maioria dos docentes eram associados da SMEA. No intuito de colaborar, nos dispusemos a atender à solicitação e incontinentemente viajamos para Viçosa, sede da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. O ambiente universitário encontrava-se bastante agitado e radicalizado. Entramos em contato com as partes interessadas para conhecer o ponto de vista das autoridades, dirigentes universitários e professores. Expusemos as preocupações e o interesse do governo estadual em solucionar os problemas dentro de um prazo razoável, num posicionamento de verdadeira abertura e crédito de confiança para os governantes que eram, de fato, recém-empossados.

As conversações e discussões foram encerradas em menos de 24 horas, tendo como resultado a suspensão da greve de professores. Demos ciência claramente ao secretário da Agricultura, que levou a nota ao governador, que o corpo docente da Uremg esperava um tratamento de especial atenção para as suas aspirações e dificuldades. Passaram-se alguns dias. Eis que fomos novamente chamados pelo secretário da Agricultura para um encontro em seu gabinete. Lá presentes, fomos surpreendidos pelo convite para assumirmos a Reitoria da Universidade, conforme o desejo do governador Magalhães Pinto. Recusamos, alegando motivos de formação profissional fora do magistério e outros motivos pessoais. Os contra-argumentos vieram com a alegação sobre a nossa qualidade de pesquisador nos quadros do ex-Instituto Agrônomo de Minas Gerais e a experiência em outras áreas afins. Dois outros encontros repetiram-se dentro do mesmo clima e desfecho. No último encontro, o secretário da Agricultura transmitiu-nos a decisão do governador do Estado, de que a nossa nomeação sairia no dia seguinte, no órgão oficial do Estado de Minas Gerais, contando Sua Excelência com o nosso espírito público e real compreensão do momento. Assim, foi feita a nomeação e decidimos enfrentar o grande desafio que nos foi apresentado. Naquela altura de nossa modesta vida profissional, nos constituímos no reitor mais jovem do Brasil. Imbuídos dos mais altos propósitos de trabalho, honestidade e devoção à instituição, demos início à nossa administração no dia 4 de julho de 1962.

Stela: O senhor poderia nos falar dos fatos mais marcantes ou importantes da sua administração?

Flamarion: Os fatos marcantes e importantes de nossa administração, sem a preocupação cronológica dos mesmos, serão expostos dentro das palavras que seguem, ditas num todo, com a preocupação de maior concisão.

Mobilização de todos os servidores da Universidade e do corpo docente, no sentido de que todos compreendessem o momento difícil daquela atualidade e emprestassem toda sorte de ajuda e cooperação. A reitoria estava pronta para ouvir e acatar a tudo e a todos que levassem colaboração significativa para o fortalecimento da instituição e o seu funcionamento normal. Solicitação para que os governos estadual e federal, a iniciativa privada, notadamente a Federação de Agricultura do Estado de Minas Gerais, a Sociedade Mineira de Agricultura, a Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos, a Sociedade Mineira de Médicos Veterinários e outras instituições, a imprensa, os empresários rurais e a opinião pública mineira tomassem conhecimento mais amplo e profundo da Universidade e que, na esfera de cada um, canalizassem sua ajuda para o seu desenvolvimento.

Os Poderes Legislativos estadual e federal também foram solicitados. As entidades com as quais a Universidade mantinha convênios e acordos foram alertadas para os propósitos da nova instituição. Profundo estudo e exame dos problemas internos e registro de encaminhamento para a solução dos mesmos. Reformulação orçamentária e esquema possível de liberação de verbas. Melhoria da qualidade e quantidade dos servidores. Racionalização no uso do material e das despesas. Aumento das rendas próprias. Integração das unidades universitárias sediadas em Viçosa e na cidade de Florestal, dentro do espírito de uma única instituição. Formulação de um plano diretor de desenvolvimento composto pela inteligência da casa, buscando as experiências de instituições afins e coerentes. Busca de aperfeiçoamento e extensão do convênio e acordo internacional Brasil-Estados Unidos, executados pela Uremg e Universidade de Purdue, dentro da mesma linha de atenção e fortalecimento das relações com as Fundações Ford e Rockefeller. Do mesmo modo, procurou-se aprimorar e fortalecer convênios existentes e conseguir outros níveis e outros novos com instituições brasileiras, como no caso da Capes, CNPq, IBC, Secretaria da Agricultura e Ministério da Agricultura. As instituições e entidades mineiras também foram alvo de atenção, procurando assegurar o apoio recíproco. Entre FAEMG, ACM, Sociedade Mineira de Agricultura, SMEA, a Caixa, a

EMATER de hoje, especialmente no caso da Secretaria da Agricultura, onde a Universidade passou a prestar assistência mediante trabalho de especialistas. A maioria das condições de vida e de lazer do corpo discente passou a nos preocupar. Em nosso período administrativo conseguimos concluir e modificar o edifício para o alojamento feminino, construir dois edifícios para alojamento masculino e o novo restaurante, passando antes pela ampliação do velho refeitório, melhoria dos campos e quadras esportivas, estímulo às atividades artísticas, notadamente quanto ao teatro universitário.

A qualidade dos serviços foi melhorada. Houve uma grande melhoria no relacionamento estudantil com os dirigentes da universidade. A universidade não dispunha de computador. Todo o seu trabalho científico e administrativo era realizado com equipamentos e métodos tradicionais. Foram doados equipamentos usados pela Universidade de Purdue e assim passamos para o primeiro estágio da informática. No prédio da Química, onde foram colocados os equipamentos e um professor foi enviado aos Estados Unidos para treinamento na área da informática. O prédio da Química foi terminado, o que possibilitou o funcionamento mais adequado de diversos departamentos, notadamente da Escola Superior de Agricultura. As obras interrompidas do Hospital Veterinário sofreram modificações e ajustes que permitiram cumprir o acordo com a Associação Brasileira de Crédito de Existência Rural, ABCAR, para a criação e construção do Centro de Ensino de Extensão, CEE, de âmbito nacional. Nasceu o CEE com a construção do conjunto de edifícios que há muito bem beneficiando a extensão universitária de Minas Gerais, do país e até mesmo do exterior.

A construção do edifício do Departamento de Economia Rural (DER) possibilitou não somente a melhoria e ampliação do setor, como o fortalecimento dos cursos de pós-graduação. A sua inauguração teve também muito a ver com o desenvolvimento da Universidade. A construção de dois prédios de madeira no centro do campus permitiu um razoável funcionamento dos cursos agrotécnicos e da Escola Nacional de Florestas, esta última sediada na Universidade. A inauguração de um laboratório de mecânica agrícola permitiu enfatizar a importância do Departamento de Engenharia Rural, que futuramente teria significação na diversificação dos cursos da Universidade. A instalação de uma bateria de nove silos metálicos, ganhos do Ministério da Agricultura, na área da Agronomia permitiu a aceleração de estudos e pesquisas de técnicas de armazenagem de grãos. Aqueles silos despertaram a Universidade para o setor de armazenamento. Fortalecimento e caracterização

própria da escola de pós-graduação, o que possibilitou que os primeiros mestres MS fossem formados na instituição. Mais importante, criaram-se as bases para os cursos de pós-graduação da Universidade Federal de Viçosa.

A Escola Nacional de Florestas, em Viçosa, possuía vários opositores no plano federal, principalmente por alguns dirigentes do Ministério da Agricultura. Os estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro reivindicavam aquela escola. Por decisão presidencial, a Escola Nacional de Florestas foi transferida para Curitiba, Paraná, mas, já mesmo em 1964, a Escola Superior de Florestas da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, então criada pelo governador Magalhães Pinto, como resultado de uma luta por nós liderada, graduava os seus primeiros engenheiros florestais. Podemos dizer que a criação da Escola Superior de Florestas, substituindo a Escola Nacional de Florestas em nossa administração, foi um dos atos mais marcantes da vida dessa instituição, constituindo um relevante marco da capacidade dos docentes, pesquisadores e extensionistas da Uremg. A reforma e adaptação do edifício onde, até os dias atuais, funciona a Reitoria da UFV, além de constituir-se uma decisão funcional recomendável, representou a perpetuação da lembrança de Peter Henry Rolfs, que lá residiu, como presença constante nos atos solenes e transcendentais da Universidade. A criação do Laboratório de Dendrologia da Escola Superior de Florestas, onde funciona até hoje, representou notável avanço da recém-criada unidade da Universidade. De igual modo, os Laboratórios de Sementes Florestais e Viveiros também concorreram para o fortalecimento da Escola Superior de Florestas. A retirada de instalações da Zootecnia da parte central do campus e transferência para os locais onde hoje se encontra, foi a decisão acertada dos dirigentes da Universidade. A Suinocultura, Piscicultura e Avicultura foram instaladas no novo local. Onde hoje são instalados projetos de pesquisa olerícola, foram realizadas obras de açudagem, construção de prédios e instalações, permitindo uma singular expansão da horticultura. A agroindústria mereceu especial atenção, iniciando-se em nossa administração a construção das atuais instalações do setor. Onde hoje se situam as dependências de instalações desportivas, existiam áreas incultas, pastos e brejos alagadiços. Iniciamos os primeiros esforços de drenagem e retificação de córregos, objetivando o assentamento do setor desportivo da Universidade.

Do relacionamento Universidade e Secretaria da Agricultura surgiu a possibilidade de criação do CEPET, em Capinópolis, no Triângulo Mineiro, com a ativa participação da Fundação Ford. Foram intensificados entendimentos entre a Universidade, a Secretaria da Agricultura e

líderes daquela comunidade triangulina para a obtenção da área para a instalação do CEPET. Merece especial atenção o crescimento dos valores dos convênios da Universidade e Fundação Ford. Quinze mil dólares em 1962, setenta e cinco mil dólares em 1963 e novecentos e noventa e cinco mil dólares em 1964, o que foi de inegável valor para a Universidade em amplos setores de suas atividades, inclusive permitindo a posterior construção da Biblioteca Central atual. O espírito universitário e entusiasmo geral na instituição foram se modificando construtivamente durante nossa administração, tornando-se um marco indelével a confiança gerente nos destinos da Universidade. O clima altamente positivo criado, sem dúvida alguma, viria a possibilitar um crescimento sustentável e harmônico no futuro da instituição, o que tornou-se uma realidade visível e passível de admiração, como é visto e sentido até os dias de hoje. Também foi instituído, na mesma ocasião, o crédito oferecido aos estudantes de menor posse, isto é, aqueles estudantes que não poderiam se autossustentar na Universidade e que, assumindo o compromisso, cobririam as suas despesas após formados. Esse programa deu origem realmente que programas maiores surgissem em todo o país.

Stela: Agora o senhor poderia nos dizer da maior ou das maiores dificuldades da sua administração?

Flamarion: As dificuldades de nossa administração não tiveram cunho excepcional, isto é, foram compatíveis com os momentos vividos pelo estado e país. Contudo, a insuficiência de recursos financeiros indicava-o e sugeria-o sempre a atenta a capacidade de programação de prioridades. A administração era transparente, o que contribuía para que se alcançasse satisfatório índice de colaboração da comunidade universitária. Aspirava-se ampliar o número de vagas para os diferentes cursos, mas as instalações físicas ainda não permitiam dar o passo na dimensão desejada. O ritmo das obras seguia eficazmente, constituindo a Universidade num vasto canteiro de obras que deveria ser mantido a qualquer sacrifício. Para tanto, a Reitoria e seus representantes se fizeram presentes assiduamente no Congresso Nacional e Assembleia Legislativa, nos Ministérios e Secretarias de Estado, nas instituições públicas da administração indireta, federais e estaduais, e perante as entidades privadas que pudessem auxiliar a Universidade. Merece ser destacado o convívio que cada vez mais ampliado e melhorado as relações internacionais da Universidade.

O Escritório Técnico de Agricultura Brasil e Estados Unidos, Universidade de Purdue, Fundação Ford e mesmo Fundação Rockefeller. A imprensa mineira. Deve se dar merecido destaque no que diz respeito ao tratamento dado à Universidade. Os quadros da Universidade para esse tipo de tarefa não dispunham de pessoal suficiente disponível, o que de certa forma constituía uma dificuldade. As ligações rodoviárias Belo Horizonte-Viçosa, Viçosa-Juiz de Fora e Viçosa-Rio de Janeiro eram precárias, notadamente no período das chuvas. A Universidade muito colaborou para que fosse apressada a decisão de pavimentar as rodovias que hoje interligam Viçosa com Belo Horizonte e Juiz de Fora, passando por importantes cidades da Zona Metalúrgica e Mata de Minas Gerais. A capacitação do corpo docente, cursos de pós-graduação no exterior eram mais difíceis, bastando considerar as dificuldades para as substituições dos ausentes, sempre vencendo barreiras e dificuldades. Razoável parcela do corpo docente logrou fazer cursos de especialização e de pós-graduação dentro e fora do campus da Universidade. Os meios de comunicação social da Universidade não eram satisfatórios, sendo este aspecto uma das dificuldades mais sentidas.

Stela: O senhor poderia relacionar as influências políticas da Revolução de 1964 com a administração, com a vida acadêmica e com a vida social da Universidade?

Flamarion: Em nosso período administrativo não foram constatadas influências políticas da Revolução de 1964, na vida social e acadêmica da Universidade. Todos gozavam de plena e total liberdade dentro dos preceitos da vida da Universidade. Alguns membros do corpo docente e discente, de pendores políticos pró-esquerda, souberam compreender o momento vivido pelo país e não excederam-se. Pelo contrário, contiveram-se em suas manifestações e atividades, de modo a não criarem problemas de natureza política nem para si e nem para a própria Universidade. Assim, não tivemos questões políticas que fossem motivos e causas de problemas para a vida universitária daqueles tempos.

Stela: A vida política nacional e a regional, Minas, e suas diretrizes atingiram a vida administrativa da Universidade?

Flamarion: Atingiram. Por decisão do governo federal, transferiu-se a Escola Nacional de Florestas para Curitiba, no Paraná. Por decisão do governo estadual, foi criada a Escola Superior de Florestas, nova e importante unidade da Universidade. O governo estadual, chefiado pelo eminente governador Magalhães Pinto, sentindo a real expressão da

Universidade nos cenários estadual e nacional, resolveu apoiar irrestritamente aquela instituição. O progresso da Universidade foi consequente e imediato, não somente em termos de programas, planos e projetos executados, como também do reconhecimento externo que recaiu sobre ela, possibilitando novos impulsos no seu crescimento extraordinário, que registrou-se desde aqueles tempos. A agricultura, como hoje, era colocada como pedra angular do desenvolvimento econômico, social e político em termos estadual e federal. Assim, a Universidade recebia influência de tal concepção, o que lhe trazia recursos e prestígio.

Stela: Quais os aspectos da política educacional no período de sua administração que provocaram possíveis modificações na vida acadêmica da Universidade?

Flamarion: Discutia-se muito a estrutura universitária, levando-se como base o molde tradicional, o avanço que significava a criação da Universidade de Brasília, Distrito Federal, os primórdios da visão do que é hoje a UFV e muitas outras ideias que preocupavam as mentes dos sonhadores e estudiosos da questão. Já constituíam preocupações a colocação das entidades universitárias a serviço da comunidade em termos não somente de ensino, mas de pesquisa, extensão e serviços. Qual o feitiço do profissional que deveria ser formado e treinado pela Universidade, de modo a atender melhor às necessidades da sociedade? A especialização total, a semi-especialização ou a formação eclética do profissional? O que seria melhor para o indivíduo, a instituição e a sociedade? A Universidade em Viçosa partiu para o abandono do ecletismo puro e tomava a direção dos cursos básicos, uniformes e diversificados nos últimos anos. Os engenheiros agrônomos eram diversificados em eclético, propriamente dito, mas também em Fitotecnia, Zootecnia, Engenharia Rural, Economia, Ciências Sociais e Agroindústria. A formação de engenheiros florestais significou a formação de um especialista que não engenheiro agrônomo e que também estava só no âmbito florestal. O mundo universitário fervilhava-se diante dos rumos e das várias ideias e concepções que eram apresentadas, trazendo tumultos, além de frequentes e prolongadas discussões.

Stela: Os convênios da Universidade com outras instituições nacionais tinham quais objetivos?

Flamarion: Os convênios se destinavam a atender às necessidades das partes dentro de interesses específicos. Com a IPC, JERCA, por exemplo, os convênios firmados visavam o

desenvolvimento de pesquisa, da cafeicultura, suprimindo necessidades materiais principalmente da Universidade. Com o CNPq, o fortalecimento da pesquisa em áreas diversificadas e amplas. Com a CAPES, aperfeiçoamento do pessoal docente, pesquisador e extensionista. Com o Ministério da Agricultura e Secretaria da Agricultura, de um modo geral, as suas necessidades, mas sempre delimitando as áreas de intercâmbio. Evidentemente, a Universidade sempre obtinha benefícios físicos e materiais, com positivos reflexos nas aspirações e necessidades do seu pessoal.

Stela: A pesquisa na Universidade era dirigida para qual finalidade?

Flamarion: A pesquisa na Universidade, conduzida tanto por docentes como por estudantes de pós-graduação, visava resolver problemas relativos ao ensino, ao avanço da tecnologia aplicada e à expansão do conhecimento da ciência. A Universidade não estava enclausurada em si mesma, pelo contrário, mantinha convenções formais e informais de trabalho com órgãos dos governos federal e estadual, além do intercâmbio com a iniciativa privada. O convênio com a Universidade de Purdue foi muito importante na formulação e condução da pesquisa pela Universidade. A tecnologia silvo-agropecuária mineira passava a resolver as questões regionais e, muitas vezes, problemas nacionais. A transferência de tecnologia realizada pela Universidade e associados sob a forma de publicação e atividades extensionistas passavam a deixar melhores efeitos pelo fato de estar utilizando dados e informações locais e regionais. A ideia do CEPET em Capinópolis, Triângulo Mineiro, passava a caminhar aceleradamente numa viva demonstração de que a Universidade Federal deveria levar sua pesquisa direta e indiretamente a todos os rincões do Estado e, no futuro, a outras regiões brasileiras.

Stela: Fazer uma avaliação hoje da sua administração dentro do contexto histórico das circunstâncias políticas, sociais, econômicas, educacionais, etc, no país e de Minas, na época em que administrou a Universidade.

Flamarion: A Universidade é sempre dinâmica em seu crescimento e evolução, o seu pioneirismo em vários aspectos, desde sua criação, como Esav, na década dos anos 20, até 1948, quando foi criada a Uremg, e após a passagem de sua federalização, tornando-se a Universidade Federal dos dias atuais. Em nossa administração, em 1962-64, a Universidade experimentou dar largos passos e lançar-se para o efetivo processo evolutivo de crescimento.

Houve um franco mercado de trabalho para os profissionais formados pela instituição. Novas tecnologias eram requeridas pelo desenvolvimento, e o governo estadual preocupava-se em fazer crescer uma Universidade estadual que desfrutava de prestígio nacional e internacional. A velha guarda da Universidade, isto é, corpo docente, pesquisadores, extensionistas e funcionários, formava um corpo de devotos servidores que, além de estimular os jovens, garantiam o bom nome da instituição. Internamente, a Universidade possuía tudo o que justificasse uma vigorosa ação para o seu crescimento. Externamente, carecia ainda de um trabalho de transferência de sua realidade para melhor apreensão por parte dos governos federal e estadual, e mesmo para o grande público. Com a elaboração de um Plano Diretor para a devida realização do desenvolvimento que se aspirava, foi deflagrada a grande luta para viabilizar uma moderna e eficiente Universidade. Grupos de trabalhos, comissões e missões foram organizadas e a Universidade passou a se mover rumo aos seus destinos.

É oportuna a menção sobre a importância que o nome tradicional da Universidade teve na solução de problemas e dificuldades. As portas jamais se fechavam, pelo contrário, se abriam, quando a outra parte tomava conhecimento de que se tratava de Viçosa, nome que muitas vezes qualificava e substituíam o da Universidade. O prestígio e amparo dado pelo governo Magalhães Pinto servia de estimulador e de indutor para que os órgãos do plano federal e instituições internacionais passassem a colaborar com a Universidade. O mesmo se passava com a opinião pública, que era informada mediante corretas notícias veiculadas pela imprensa estadual e nacional. A Universidade lançou-se por novos rumos, aprofundou raízes, vislumbrou um pragmático futuro e não duvidou do seu sucesso. O ritmo de trabalho e de realizações eram fantásticos. Obras em todos os locais, números de vagas aumentado, mais pesquisa, mais atividades extensionistas, significativa assistência da Universidade, notadamente à Secretaria da Agricultura, aperfeiçoamento do corpo docente e de servidores, aplicação de métodos administrativos racionais e de austeridade, corpo docente mais compreensivo e cooperativo. Todos, enfim, reconhecendo que a Universidade palmilhava por caminhos que coincidiam com os anseios da maioria.

Stela: Como ex-aluno, ex-professor, ex-reitor, como o senhor vê a Universidade de hoje?

Flamarion: Vemos a Universidade como uma instituição vitoriosa, viva, com enorme responsabilidade no desenvolvimento de Minas e do país. Sem sombra de dúvida, a UFMG hoje representa o que de melhor existe no país em se tratando de Universidade, tanto por sua

estrutura e operação, ensejando uma admirável harmonia entre o ensino, pesquisa, extensão e a área de serviços. Em nossa opinião, a Universidade deveria lançar-se operativamente no plano internacional e, inicialmente, na América Latina, no desempenho de missões que lhe seriam cometidas. A experiência acumulada da UFV possibilita tal incursão, o que lhe traria maiores reconhecimentos e recursos. O momento é oportuno, pois a penetração brasileira no mundo é evidente, fato que a Universidade Federal de Viçosa deveria aproveitar.

Stela: Qual a sua opinião sobre o atual organograma da Universidade em relação à estrutura organizacional da UFV no seu período de administração?

Flamarion: O atual programa da Universidade, em sua racionalidade, significa sensível aprimoramento daquela estrutura existente no primeiro lustro da década dos anos 60. A estrutura vigente está de acordo com a expansão alcançada pela Universidade, permitindo-lhe crescer dentro de amplos limites. Os órgãos vinculados diretamente à Reitoria, Pró-Reitorias, os Conselhos e Centros formam um conjunto administrativo em que os encargos e funções ficam bem distribuídos, permitindo uma administração descentralizada e dinâmica.

Stela: Quais as lembranças mais significativas do ex-aluno ou do ex-professor?

Flamarion: A primeira lembrança do ex-aluno diz respeito ao espírito esaviano, o qual significava a mística de respeito, dedicação e devotamento que transbordava da instituição para o estudante e vice-versa. O professor, o servidor, enfim, tudo dava e fazia por sua Universidade, beneficiando grandemente o aluno e fazendo com que este passasse a amar a sua *alma mater*, a Universidade se constituía numa memorável comunidade impregnada de grande humanismo. A segunda lembrança que temos como ex-aluno é aquela que trata da formação do caráter do profissional, dos ditames da apregoada responsabilidade pessoal, do regime da hora certa de um professor deixar a sala de onde estava sendo dada uma prova e a adoção de estimular as lideranças naturais para o desempenho de tarefas, fatos que somavam na estruturação positiva do caráter do jovem. A terceira lembrança, agora como ex-reitor, trata da extraordinária dedicação que todos os servidores prestavam à instituição, contribuindo para que os amargos, difíceis obstáculos fossem vencidos pela Universidade. Um dia, a UFV ainda erguerá um monumento ao servidor desconhecido, homenageando com isto o trabalho e o valor de gerações que ajudaram a construir sempre a Universidade.

Stela: Qual sua crítica da exposição gráfica sobre a história da Universidade?

Flamarion: A iniciativa é das mais oportunas e elogiáveis, pois o seu fim é preservar a memória da Universidade. Como toda ideia fadada ao sucesso através do tempo, a exposição gráfica não poderia, no momento, apresentar-se como completa, satisfazendo as mais diversas indagações ou oferecendo informações naturais. Contudo, pelo começo verificado, o seu êxito será inquestionável. Estão de parabéns os seus idealizadores, pois viabilizaram um desejo há muito latente desde a velha Esav. A exposição gráfica deverá ser divulgada e promovida em grande estilo e intensidade, pois só assim chegarão as contribuições de terceiros vindos de centenas de fontes. O aperfeiçoamento da exposição gráfica irá exigir muito estudo e pesquisa histórica, processo permanente e dinâmico. Realidade esta que a alta administração da Universidade saberá prover dos recursos necessários.

Stela: Qual a sugestão que o senhor poderá oferecer para as atividades do Museu Histórico da Universidade?

Flamarion: O Museu Histórico tem certa relação de complementaridade com a exposição gráfica, o que não se deverá perder de vista, garantindo e justificando a existência de ambos. O Museu Histórico não deverá restringir-se unicamente a preservar o acervo universitário, mas também preocupar-se em estabelecer a sua relação com o desenvolvimento da Universidade, do estado e do país. Tudo o que foi útil à instituição tem a sua parcela em ligação com a evolução da comunidade mineira e brasileira. Futuramente o Museu Histórico poderá cogitar de amealhar material que signifique a história de Minas, naquelas áreas de atuação da Universidade. Assim, a UFV passaria a ser detentora de um invejável patrimônio histórico, dando uma notável contribuição para a preservação da evolução da cultura de nossa terra. Convênios poderiam ser estabelecidos com órgãos públicos, federais, estaduais e municipais, e com entidades privadas, visando transformar a Universidade num valioso repositório da memória de Minas.

Stela: Falar o que quiser sobre a sua relação de vida com a Universidade.

Flamarion: Gostaríamos de considerar três questões nesse bloco de nossa entrevista. A primeira delas diz respeito à atitude que tomamos, cedendo coerentemente lugar para nosso pedido de exoneração do corpo de reitor, dirigido ao governador Magalhães Pinto, com pleno

conhecimento do secretário Roberto Rezende. Anteriormente, a nomeação do reitor era da inteira responsabilidade do governador do Estado, desde que recaísse em pessoa de notório saber e ilibada postura moral. A própria Universidade não tinha nenhuma influência na indicação do reitor, pois as listas trípticas ou sêxtuplas não existiam e não eram exigidas. Esta exigência foi um assunto que marcou sensivelmente nossa conduta no desempenho da Reitoria. Nos primeiros tempos de nossa administração, nos comprometemos intimamente a resolver a questão, quando e como julgássemos oportuno e correto fazê-lo. Assim, lá pelos idos de agosto de 1964, propusemos sigilosamente ao governador que o reitor da Universidade deveria ser-lhe indicado pela própria instituição, mediante lista tríptica de nomes votados pelo Conselho Universitário. A reação do governador foi acolhedora quanto à proposição. O nosso passo seguinte constituiu na preparação para deixarmos a reitoria, pois, estando vago o cargo, o mesmo seria preenchido dentro dos preceitos acertados com o governador do Estado. Deste modo, encaminhamos nosso pedido de exoneração, o qual foi aceito após declararmos, repetidas vezes, ao governador Magalhães Pinto e secretário Roberto Rezende, não ser necessário aguardar o término de nosso mandato para a implantação da nova regra. Vários encontros antecederam e mantivemos nossa posição. Finalmente, em setembro e outubro de 1964, decidiu-se pela nossa exoneração, nomeando um reitor *pro tempore* e solicitando a lista de nomes ao Conselho Universitário. Participamos, com muita honra para nós, da lista votada pelo Conselho Universitário. Fomos sondados por membros do governo estadual, parlamentares, personalidades da iniciativa privada e outros, quanto ao nosso desejo ou não de voltarmos a ocupar a Reitoria. Sempre pedimos pela negativa. No íntimo, nossa atitude era justificada pela necessidade de descanso, pois, para assegurarmos o ritmo e ampliação de nossa administração, havíamos nos desgastado muito fisicamente, além da necessidade de reparação que devíamos à família, que fora deixada em segundo plano. Acima de tudo isso, estava a nossa convicção de que, daqueles tempos para a frente, a Universidade estaria acrescentando algo importante em sua maioria e autonomia. Este relato, feito somente agora, depois de 23 anos, tem o objetivo de demonstrar o profundo respeito que o reitor Flamarion Ferreira nutriu e nutre por nossa Universidade. Outras interpretações são destituídas de seriedade. Deixamos a reitoria de acordo com nossos planos e desejos.

A segunda questão trata-se de uma sugestão relativa aos ex-reitores da Universidade, isto é, que os mesmos poderiam participar do Conselho Diretor da UFV como membros natos. A permanente vinculação de um ex-reitor com a Universidade, numa posição de relevo e de

influência, só poderá beneficiar a instituição. A Universidade passaria a contar com um corpo altamente experimentado e capacitado, exatamente num órgão que tenha a responsabilidade de propor rumos, contribuir para a definição de prioridades, enfim, cogitar da elaboração do seu plano diretor de desenvolvimento. Esperamos que esta sugestão chegue ao reitor da UFV, que saberá dar-lhe os segmentos que couberem.

A terceira questão que desejamos apresentar trata-se de uma proposição no sentido de que a UFV passe a atuar regular e formalmente na área internacional com âmbitos de representação e ação definidos. O governo brasileiro, representado pelos Ministérios do Exterior, da Educação e da Agricultura, definiria a área operacional, os objetivos, participação e outros itens pertinentes, devendo a UFV ser indicada como executora e representante do país. A nossa proposição, para melhor compreensão, poderia basear-se, por exemplo, na criação de um possível Centro Latino-Americano de Agricultura, CELAG, o qual teria como área operacional a América Latina, como objetivos a opção de desenvolvimento social, econômico e político através da agricultura, definindo a participação mediante consultas e reuniões de representantes governamentais. A UFV possui vivência, experiência, capacidade e prestígio para assumir tamanha responsabilidade. Julgamos oportuno que a Reitoria avalie a sugestão e, se tomada como viável, que sejam iniciados os contatos e estudos sobre a matéria. O posicionamento da UFV como instituição brasileira, com missão de representar o país e de atuar no plano internacional, seria consagrador para uma Universidade que já se impôs ao respeito e reconhecimento dos brasileiros.

Ao finalizarmos nossas palavras, desejamos expressar as mais largas e profundas manifestações de apreço e admiração ao corpo docente, funcionários da Universidade, desde os tempos idos de nossa administração aos dias atuais, que sempre souberam conduzir a instituição. De igual modo, registamos nossa admiração e respeito a todos os ex-reitores, que nos antecederam e sucederam, pois todos deixaram indeléveis marcas de operoso e profícuo trabalho em benefício da Universidade. À Divisão de Assuntos Culturais, nas pessoas de seus dirigentes, expressamos os nossos agradecimentos pela oportunidade que nos é concedida, quando formulamos os melhores votos de êxito no desempenho de sua missão. À UFV e à grande comunidade que a envolve, desejamos tornar cada vez mais límpida nossa certeza de que seu destino será sempre de glória, pois todos que a servem e dela colhem frutos estarão, como sempre estiveram, imbuídos dos mais nobres propósitos. A todos, o meu muito obrigado e até a próxima oportunidade. Flamarion Ferreira, ex-reitor.